

**EXTREMOS, ENIGMAS e ENCRUZILHADAS:
O LABIRINTO COMO METÁFORA NA ARTE / EDUCAÇÃO**

**EXTREMES, ENIGMAS AND CROSSROADS:
LABYRINTH AS A METAPHOR IN ART / EDUCATION**

Rosane Bezerra Soares¹
Universidade Federal de Sergipe
Associado/a/e ANPAP:
não

RESUMO

Apresentamos o relato de uma experiência desenvolvida entre alunos do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Sergipe, em torno da construção de uma instalação artística em formato de labirinto, na exposição “Ocupa Bid 1”. O objetivo do estudo é apresentar reflexões sobre o potencial educativo dos labirintos, do ensino básico ao ensino superior. O texto apresenta os significados diversos relacionados aos labirintos, a sua relevância nas variadas culturas e períodos, a nossa experiência na edificação com os estudantes, até a análise dos benefícios observados pelo seu potencial educativo.

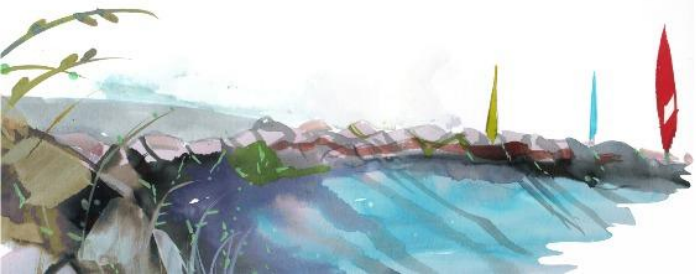
Palavras-Chave: Labirintos; Educação; Instalação artística.

ABSTRACT

We present the report of an experience developed among students of the Visual Arts Degree course at the Federal University of Sergipe, around the construction of an artistic installation in the form of a labyrinth, in the exhibition “Ocupa Bid 1”. The objective of the study is to present reflections on the educational potential of labyrinths, from elementary to higher education. The text presents the diverse meanings related to labyrinths, their relevance in different cultures and periods, our experience in building them with students, and the analysis of the benefits observed due to their educational potential.

Keywords: Labyrinths; Education; Artistic installation.

O presente trabalho nasceu de discussões sobre a ontologia e a epistemologia dominantes, o que envolveria diferentes áreas do conhecimento, até nos levar a manifestações artísticas que rompem com as hierarquias preestabelecidas, à luz de



outras tramas, problemática que se apresenta no contexto do pensamento decolonial (Quijano; Mignolo). Os debates inspiraram a nossa prática artística, resultando na construção de uma instalação em consonância com o espaço da Galeria de Arte Jordão de Oliveira, localizada no campus da Universidade Federal de Sergipe, na cidade de São Cristóvão, a aproximadamente 21 km da capital do estado.

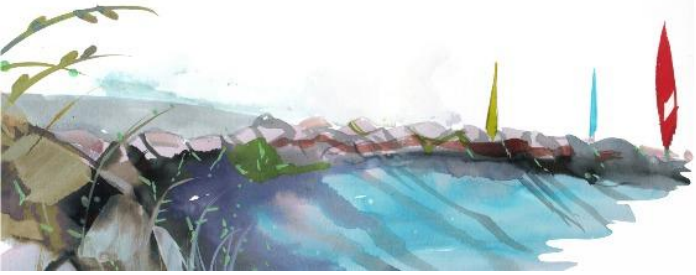
Sabemos que galerias de arte universitárias apresentam-se muitas vezes livres das exigências do mercado, o que contribui para um ambiente propício à experimentação. Enquanto laboratórios de pensamento crítico, esses espaços permitem a problematização de narrativas institucionais e dos modos tradicionais de exibição artística. Assim, o objetivo do presente texto é apresentar reflexões sobre o potencial educativo dos labirintos, como o que foi construído coletivamente por alunos do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Sergipe sob a minha coordenação, na exposição “Ocupa Bid 1” .

Experimentações na Formação Docente

Ricardo Basbaum, teórico da arte contemporânea brasileira, comenta no livro “Manual do artista-etc” (2013): “Se cada biólogo, físico ou químico possui seu laboratório, cada artista-pesquisador deveria buscar construir seu estúdio ou ateliê, dentro dos Cursos de Artes?” (p. 197). Assim, defendendo o lugar do ateliê como laboratório de pesquisa artística dentro da universidade, Basbaum amplia o campo da docência em arte para um espaço de experimentação.

Tal pensamento dialoga com a ideia de pesquisa em arte (*art-based research*), defendida por autores como Tom Barone e Elliot Eisner (2012), além da proposta de ensino como prática crítica, como destaca Henry Giroux, em que arte, educação e política se relacionam (2019).

A ideia de um atelier dentro do campus da universidade não é somente simbólica: trata-se de um estímulo à construção de elementos pedagógicos nos quais o fazer artístico seja encarado como forma de conhecimento. Assim, o artista /professor/



pesquisador desenvolve ações que relacionam a estética, a política e a formação subjetiva. Portanto, a concepção de artista-etc defendida por Ricardo Basbaum implica no papel do educador como integrante da prática artística expandida. O ensino torna-se assim um espaço de experiências relacionais, evidenciando o potencial pedagógico da arte como modo de existência.

Tal concepção aproxima-se da abordagem da professora Ana Mae Barbosa ao destacar: “O professor de arte, mais do que um técnico ou especialista, deve ser um mediador cultural e um incentivador da produção simbólica dos alunos” (BARBOSA, 2003, p. 19). Assim, o perfil do professor-mediador pode ser relacionado a noção de artista-etc. como propositor de experiências estéticas no cotidiano. Paralelamente, Ricardo Basbaum amplia o papel do professor como um agente criador ao afirmar que o artista contemporâneo “se posiciona como propositor de experiências, articulador de sentidos, ativador de redes e fluxos” (BASBAUM, 2013, p. 10) e não apenas aquele que cria objetos para contemplação. Daí a necessidade de uma prática crítica e criativa na formação do educador.

A seguir, apresentamos o desenvolvimento das ações que resultaram na construção de uma instalação na galeria de arte da universidade.

O Medo da Tela em Branco

As ações tiveram início na tentativa de que um grupo de calouros do curso de graduação em Artes Visuais - Licenciatura resistisse ao bloqueio inicial de expressão poética diante da tela em branco. Trata-se de um problema comum nas aulas de artes, entre alunos de universidades, escolas de ensino básico e também entre artistas.

Assim, os discentes assistiram a um vídeo da artista Heather Hansen, de Nova Orleans, que parte de uma espécie de dança para criar suas obras. Ela utiliza carvão como material e amplia os seus movimentos corporais para construir trabalhos em grande escala.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

A seguir foi proposto aos discentes que sentissem os sons de 4 músicas em ritmos diversos, de variadas culturas e épocas, deixando os seus corpos se expressarem livremente. As ações foram desenvolvidas ao ar livre, com ampla participação dos alunos. A proposta resultou em composições de formas abstratas, construídas em um processo entre a performance e a pintura. Desenvolvidos coletivamente, os trabalhos foram materializados com a aplicação de tintas acrílicas sobre tecidos de algodão de aproximadamente 2,60 m por 1,50 m.

Após a conclusão da primeira etapa dos trabalhos, ainda no processo de ruptura de bloqueios à expressão poética, foi proposta a construção de uma mostra na galeria de arte da universidade, a qual reúne habitualmente grande número de visitantes. Os alunos demonstraram interesse pela proposta.

Considerando a origem dos envolvidos _ alunos do curso de Licenciatura em Artes Visuais, havia o desejo de que a mostra reunisse em sua estrutura tanto a arte quanto a educação. Nos dias de hoje, sabemos da importância de encontrarmos pessoas questionadoras que problematizem as narrativas dominantes, as estruturas de poder e os discursos hegemônicos. Para o desenvolvimento de uma educação democrática e centrada no aluno, os futuros professores precisam estar preparados para atuarem como facilitadores do processo. Assim, como exposto, a mostra foi planejada para exibir os trabalhos como parte de uma instalação artística, em formato de labirinto, como comentamos a seguir.

Decifrando os Labirintos

Devido à riqueza de significados associados aos labirintos, eles têm sido estudados em várias áreas do conhecimento, como literatura, filosofia, psicologia, antropologia, entre outras. No texto *Labyrinths: a pathway to reflection and contemplation* (2002), Griffith. et al., desenvolve estudo sobre os seus diversos significados, que resumimos a seguir.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Eles estariam entre as ferramentas mais antigas que inspiram introspecção, reflexão e mudança. Registros comprovam que eram importantes em rituais e danças cerimoniais nas mais variadas culturas, representando os desafios da vida.

Ainda na Grécia Antiga, Dédalo construiu o labirinto de Creta para aprisionar o Minotauro, representando assim a complexidade e os perigos do mundo, enquanto Platão utilizou a representação do labirinto para ilustrar a complexidade do mundo exterior em contraponto com o mundo interior.

Outro exemplo a destacar, já no século 13, seria o labirinto circular pintado na Catedral de Chartres, na França. Lá, os peregrinos refletiam sobre suas crenças por meio do labirinto. Já nos labirintos urbanos contemporâneos, onde as avenidas e conexões formam novas encruzilhadas, os extremos se deslocam: agora estão entre a visibilidade e o anonimato, a rede e a solidão, o excesso de escolhas e o estado anestésico em que muitos se encontram.

Na psicologia, Carl Jung interpretou o labirinto como um símbolo do inconsciente, representando a caminhada do ser humano em busca do autoconhecimento e da organização dos elementos da personalidade.

Na área da filosofia, o labirinto foi considerado como uma metáfora da condição humana por Kierkegaard, um filósofo existencialista. Ele destacava que todos precisam encontrar seu próprio caminho através das dificuldades e incertezas da vida.

Em “A Divina Comédia” de Dante Alighieri, a personagem desce aos círculos do inferno e passa por um labirinto de redenção e pecado. O labirinto em “O Jardim das Veredas que se Bifurcam”, de Jorge Luis Borges, poderia ser visto como uma metáfora do infinito universo e das várias direções que a vida pode tomar. Esses são exemplos na literatura, entre vários outros.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

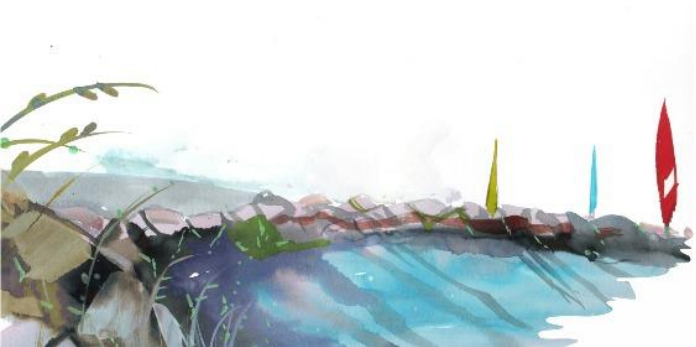
Na arte, obras contemporâneas exploram o tema do labirinto convidando os fruidores à reflexão sobre questões como espaço, movimento e percepção. *The Matter of Time*, por exemplo, de Richard Serra, embora não seja um labirinto no sentido tradicional, apresenta paredes de aço em grandes dimensões que formam uma espécie de labirinto. Os visitantes são convidados a percorrer os corredores, interagindo com a escala monumental da obra. Da mesma forma, *Spiral Jetty*, por Robert Smithson, também não seria um labirinto tradicional, mas provocaria uma sensação de labirinto ao longo de sua espiral de terra e rochas que se estende no *Great Salt Lake*, em Utah, Estados Unidos.

Enfim, o simbolismo do labirinto é vasto e multifacetado, e sua interpretação pode variar de acordo com o contexto cultural e individual.

O Labirinto como Metáfora

Na escolha do labirinto como forma expositiva, consideramos que penetrar em tal espaço significa abandonar a linha reta da previsibilidade. É encarar o risco do desvio, da incerteza, do autoconfronto. Mais do que um acúmulo de caminhos, nesse espaço encontram-se os extremos da existência, como o caos e a ordem, a perda e a descoberta, a proximidade e a distância: o que parecia ameaça pode se tornar acolhimento; o que parecia fim, o começo. E assim prosseguimos, sempre em trânsito: não totalmente perdidos, não totalmente seguros. O labirinto, portanto, é o espaço onde enfrentamos nossos abismos — e, ao fazê-lo, tornamo-nos outros.

Na contramão à ideia de um centro, a arte das chamadas “periferias” manifestam atualmente as suas experiências, colocando em questão narrativas dominantes, estruturas de poder tradicionais e apresentando trabalhos mais inclusivos. Tornam-se, assim, formas de resistência através de caminhos experimentais, inclusive com mostras em espaços não convencionais, numa tentativa de descentralização do



extremos

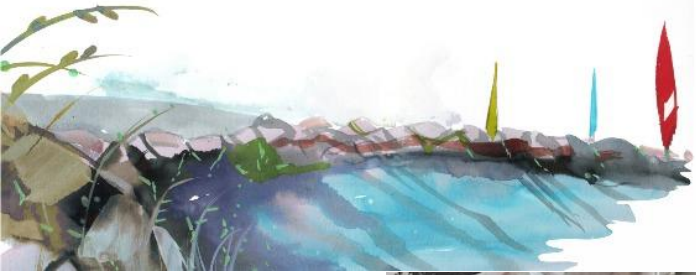
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

mundo da arte. Da mesma forma, curadores também têm procurado artistas e obras distantes dos tradicionais centros artísticos.

A procura por um mundo plural e inclusivo, necessário para a justiça social, envolve autores que apresentaram estudos valiosos como o de Aníbal Quijano, que denuncia a manutenção das estruturas coloniais de poder (ainda que num cenário que nega o colonialismo político). Além de Aníbal Quijano, Bell Hooks, destaca desigualdades relativas aos gêneros, classes e raças. Outros autores que merecem destaque nesse contexto: Paulo Freire, que valoriza a educação como instrumento de libertação dos grupos excluídos. Também merece destaque Angela Davis, que estuda questões relativas à interseccionalidade e à resistência. Além desses, Frantz Fanon, que analisa os problemas psicológicos do colonialismo e o embate pela libertação; Achille Mbembe, que analisa problemas relacionados ao racismo, ao colonialismo e a opressão provenientes do poder global. Esses são apenas alguns exemplos de autores que falam da urgência de um mundo mais inclusivo, no qual não há um único caminho certo, mas muitos percursos possíveis — todos ricos em aprendizado.

A materialização da proposta

Nesse contexto, na tentativa de planejamento de uma exposição que se afastasse da ideia de centro ou de ordem na colocação de obras, o espaço foi considerado como uma parte integrante da experiência artística e composto por diversos segmentos irregulares. A disposição irregular do material sugeriu a instalação/labirinto, negando desse modo ao expectador (aquele que espera uma saída ou um centro), um sentido. Dessa forma, para a exploração do espaço, os visitantes deveriam interagir com as obras, abrindo caminhos de trânsito entre os materiais têxteis (Imagem 1).



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Imagem 1. Detalhe do labirinto construído coletivamente., 2023. Foto: Sérgio Ricardo Freitas

O visitante foi convidado a interagir com o trabalho em participação ativa, no lugar de apenas observar passivamente a obra. Romperam-se assim as fronteiras entre o artista e o fruidor, o que estimulou uma conexão. Tal abordagem, descentralizada, provocaria estímulos diversos. Colocado no centro da experiência artística, o fruidor poderia experimentar um senso de pertencimento e de empoderamento, vivenciando dessa forma a democratização do processo criativo. A experiência tornou-se assim mais envolvente e inclusiva, permitindo também uma relação mais intensa do fruidor com as questões que o trabalho abordava. (Imagem 2)



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Imagem 2: Caminhos no interior do labirinto. 2023. Foto: Sérgio Ricardo Freitas

O espaço existente entre as pinturas e aquele ao qual o visitante ocuparia em sua interação com a obra era bastante reduzido, o que implicaria em diferentes ângulos de visão. No lugar de manter-se na suposta “distância ideal”, afastada, para a apreciação da obra, o visitante era levado a abrir os seus próprios caminhos entre os tecidos, num olhar muito íntimo com as pinturas, além da possibilidade de optar por outros ângulos de visão. (Imagem 3)



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 3: Variados ângulos de visão. 2023. Foto: Rosane Soares

O trabalho em questão foi construído em grandes dimensões, provocando, por suas características, experiências táteis e sensoriais. Tornou-se uma experiência imersiva que despertou tanto a atenção dos estudantes que participaram da montagem quanto dos visitantes, exigindo planejamento, foco, pensamento espacial, concentração e raciocínio lógico.

Com a imersão no espaço, percorrendo o interior da mostra e interagindo com as pinturas, o visitante encontraria em um momento o registro do processo inicial de construção da obra, com fotos dos alunos do curso de Artes Visuais trabalhando em grupo, ao ar livre. Então, para este estudo, partimos da seguinte questão: “De que forma a mostra poderia estimular o pensamento crítico dos envolvidos ?” Acreditamos que a forma não convencional como a mostra foi estruturada, como um labirinto, poderia estimular o pensamento crítico dos futuros arte/educadores e também dos visitantes. E ainda, percorrer um labirinto requer habilidades na resolução de problemas, tornando-se também uma experiência educacional.



O Labirinto na Arte / Educação

No livro *Learning with the labyrinth: creating reflective space in higher education*, James, A.; & Watling, S. (2016), encontramos a teoria e a prática na edificação de labirintos. Além de questões relacionadas ao design, encontra-se como um labirinto pode ser utilizado como um recurso pela universidade, assim como pode ser relevante para a comunidade em geral. O texto destaca ainda iniciativas para estímulo à reflexão e a abordagens para aprendizagem.

Construir e vivenciar um labirinto com estudantes não é apenas uma atividade lúdica ou artística — é uma poderosa experiência pedagógica. O labirinto, enquanto símbolo e estrutura, convida ao deslocamento físico e interior, ativando dimensões essenciais da formação humana: a atenção, a reflexão, a escuta, a autonomia e o enfrentamento dos próprios limites. O caminhar torna-se um tempo de escuta de si, de atenção plena.

Ao contrário do “mapa”, que propõe um controle total do caminho, o labirinto ensina a confiar no processo. Cada curva, cada beco sem saída é uma oportunidade para exercitar a paciência, a leitura de contexto e a tomada de decisão. Tais características dialogam profundamente com os desafios contemporâneos enfrentados por tantos jovens: excesso de estímulos, incerteza, dificuldade de foco e a necessidade de espaços para o autoconhecimento.

Numa proposta pedagógica aplicada em escolas de ensino fundamental ou médio, a construção de um labirinto poderia ser realizada com materiais como cordas, bambus, folhas, fitas ou giz riscado no chão. Ou seja: materiais acessíveis. Poderia ocupar uma sala, um pátio, ou um espaço aberto. Tal construção poderia ser efêmera ou permanente, circular ou retilínea.

Os alunos construiriam coletivamente a obra, e as atividades poderiam envolver professores de diversas disciplinas além das artes, como matemática (medidas, formas), filosofia (o que representa o labirinto?), geografia (localização), entre outras.



Ao final, os discentes poderiam partilhar as sensações da travessia, assim como as dificuldades e descobertas. Reflexões como “Qual a sensação ao me perder?” ou “O que mudou ao descobrir a saída?” estimulam o pensamento crítico e a expressão das emoções.

Considerações Finais

O labirinto, quando bem explorado na educação, permite aos discentes experimentar situações extremas: a ansiedade da dúvida, o medo de errar, o prazer da descoberta, a alegria da chegada. A sensação de risco ativa o movimento interior: o pensamento é forçado a fazer escolhas, a se adaptar, a sentir.

O labirinto é também um território de fronteira, onde se testam os limites do corpo, da razão e da sensibilidade. Nele, os extremos não são opostos fixos, mas forças que se tensionam e se transformam mutuamente.

E, diante do exposto, podemos esperar diversos benefícios aos envolvidos, como a atenção plena, a valorização do erro e do desvio como parte do processo de aprendizagem, o estímulo à autonomia (pois o aluno precisa confiar em suas escolhas), a integração corpo-espaco-pensamento, rompendo assim com a educação apenas teórica, o desenvolvimento da escuta interna e da autorregulação emocional, entre outros.

Esperamos que o estudo estimule a construção de labirintos, das escolas de ensino básico às universidades.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.



BARONE, Tom; EISNER, Elliot. Arts Based Research. Thousand Oaks: Sage, 2012.

BASBAUM, Ricardo. Manual do artista-etc. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2013.

CONAL, M.C., "Grounding Museum Studies: Introducing Practice." In Museum Practice: The Contemporary Museum at Work, edited by Sharon MacDonald and Helen Rees Leahy, n.p. Oxford and Malden, MA: Wiley Blackwell, 2015.

GIROUX, Henry A. Teoria crítica e resistência em educação. São Paulo: Vozes, 2019.

GRIFFITH, J. S. " Labyrinths: a pathway to reflection and contemplation".. Clinical journal of oncology nursing, (2002). 6 5, 295-6 . <https://doi.org/10.1188/02.CJON.295-297>. Acesso em :5/5/2024.

HEIN, G. E. Progressive Museum Practice: John Dewey and Democracy. London : Routledge (2012).

JAMES,A., & Watling, S. Book Review: " Learning with the labyrinth: creating reflective space in higher education" Journal of Learning Development in Higher Education . Issue 10:London, Jan Sellers (2016).

MARSTINE, J. Journal Articles: Marstine, "The Transformative Exhibition, the Museum Intervention, and the Transformative Pedagogy." "What a Mess! Claiming a Space for Undergraduate Student Experimentation in the University Museum." Museum Management and Curatorship 22, no. 3 (2007)

WASKO-FLOOD, S. (2010). CHAPTER 8: Labyrinths for Creativity and Peace in Schools.Action in Teacher Education, <https://doi.org/10.1080/01626620.2011.10519479>
Acesso em 30/4/2024

¹ Rosane Bezerra Soares é coordenadora do Grupo de Pesquisa em Artes, Cultura Visual e Educação (PEACE/ CNPq). Doutora em Artes Visuais, mestre em História da Arte e graduada em Comunicação Visual pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Especialista em Educação Empreendedora pela Faculdade SEBRAE / SP. Professora efetiva do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Sergipe.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9334899984524384>